

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

ESCOLA NORMAL SUPERIOR

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DARCILENE SAMPAIO GUSMÃO

**O USO DA TECNOLOGIA PELOS POVOS INDÍGENAS: UMA ETNOGRAFIA
DIGITAL EM CANAIS DO YOUTUBE PRODUZIDOS POR JOVENS INDÍGENAS**

MANAUS – AMAZONAS

2021

DARCILENE SAMPAIO GUSMÃO

**O USO DA TECNOLOGIA PELOS POVOS INDÍGENAS: UMA ETNOGRAFIA
DIGITAL EM CANAIS DO YOUTUBE PRODUZIDOS POR JOVENS INDÍGENAS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.
Orientadora: Prof.^a Dra. Célia Aparecida Bettiol

MANAUS – AMAZONAS

2021

DARCILENE SAMPAIO GUSMÃO

**O USO DA TECNOLOGIA PELOS POVOS INDÍGENAS: UMA ETNOGRAFIA
DIGITAL EM CANAIS DO YOUTUBE PRODUZIDOS POR JOVENS INDÍGENAS**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Licenciatura em Pedagogia da
Universidade do Estado do Amazonas –
UEA, como parte dos requisitos para
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

Aprovação em:

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Célia Aparecida Bettioli
Orientador (a)



Profa. Msc. Jeiviane Justiniano
Membro da Banca



Adria Simone Duarte de Souza

Profa. Msc. Adria Simone Duarte de Souza
Membro da Banca

Dedico este trabalho à minha família pelo incentivo e apoio. A minha mãe Ana Maria e ao meu filho José Emanuel que sempre estiveram ao meu lado nesta jornada. Aos meus professores em especial a minha orientadora professora Dra. Célia Bettiol, aos parentes indígenas da faculdade, amigos e colegas do curso que contribuíram nesta trajetória para o meu crescimento e aprendizagem.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, a Deus, pois sem ele nada somos, que fez com que meus objetivos fossem alcançados durante todo o meu percurso na universidade, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar diante dos obstáculos.

A minha família em especial a minha Mãe por todo o apoio e pela ajuda, que muito contribuiu, nos momentos que eu mais precisei esteve ao meu lado, sempre me incentivando, ao meu filho José Emanuel pela sua compreensão, pelas diversas vezes que eu estive ausente em alguns momentos, devido a atenção que dediquei ao curso, principalmente nessa etapa final.

Ao meu esposo que esteve ao meu lado mais precisamente no período do isolamento social, devido a pandemia, por conta da Covid 19, me apoiando, me incentivando, durante esse percurso acadêmico.

Aos meus amigos(as) que sempre estiveram ao meu lado em especial a Raquel, Alessandra, Fátima, Thayná, Nathália, Gabriella, obrigada a cada uma de vocês por terem compartilhado diversos desafios na universidade, sempre me apoiaram, juntas vivemos inúmeros momentos, alegres, divertidos e alguns momentos nem tanto, mas que juntas pudemos ir superando todas essas adversidades.

A minha orientadora, professora Dra. Célia Aparecida Bettiol, grata por ter sido minha orientadora e ter desempenhado esse papel com muita paciência, dedicação e amizade, obrigada pelos ensinamentos em suas orientações prestadas na elaboração deste trabalho, pois sem o seu auxílio eu não conseguiria ter chegado até aqui, você entrou na minha vida não por um acaso, creio que tudo tem um propósito, diante disso tudo só tenho que mais uma vez dizer que a palavra que cabe a você é gratidão profunda, você iluminou a minha mente durante todo esse processo, como sempre eu costumava dizer em nossas reuniões do trabalho: eu uma pedra bruta que fui sendo lapidada pouco a pouco por você, AÑU que na língua Tukano quer dizer obrigada.

Aos professores, coordenadores e monitores do Projeto de Extensão “Tecendo Diálogos Interculturais” e L2, pela compreensão e dedicação durante o processo das atividades, reuniões pautadas nos eventos, culturais, artísticos, através de vocês eu me fortaleci na universidade, gratidão por compartilhar momentos bons ao longo do meu percurso na academia.

Aos meus colegas de curso, com quem convivi durante os últimos 5 anos pelo companheirismo e pela troca de experiências, que me apoiaram de forma direta ou indiretamente nesta universidade e estiveram comigo na hora das incertezas e contribuíram de forma significativa para o meu sucesso e desempenho: Maria Amanda, Kamilla Fabris, Verônica, Elen Caroline, Lorena Nayara, Julie, Douglas Biase, Maria Brenda, Layane, Tamires, Elizabeth Martins, Vanderlecia, Deborah Valaios, Aline Sumaeta, Rayana, Deise, Elias Baltazar, Margareth, Graciete, Mayara, Sânela Sateré, a todos minha eterna gratidão.

“ A persistência é o caminho do êxito”.

Charles Chaplin

O USO DA TECNOLOGIA PELOS POVOS INDÍGENAS: UMA ETNOGRAFIA DIGITAL EM CANAIS DO YOUTUBE PRODUZIDOS POR JOVENS INDÍGENAS

Resumo: O trabalho apresenta os resultados da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso e teve como objeto de estudo o uso da tecnologia pelos povos indígenas. Para alcançar o que nos propomos, traçamos como objetivo geral “Compreender quais discussões os povos indígenas fazem a respeito de sua própria identidade nas mídias sociais”. A pesquisa é de abordagem qualitativa e como procedimento metodológico para o levantamento dos dados usamos a etnografia digital. A opção pela etnografia digital se deu, principalmente pelo atual contexto de pandemia do novo coronavírus. Após coletados, os dados foram organizados para a análise dos mesmos. Selecionamos três canais e um documentário como objeto de estudo, cujos resultados apontam que os conteúdos se direcionam à denúncia contra o preconceito aos povos indígenas.

Palavras-chave: Povos indígenas, equívocos; tecnologias.

THE USE OF TECHNOLOGY BY INDIGENOUS PEOPLES: A DIGITAL ETHNOGRAPHY IN YOUTUBE CHANNELS PRODUCED BY INDIGENOUS YOUTH

Abstract: The work presents the results of the research of the Course Conclusion Work and had as its object of study the use of technology by indigenous peoples. To achieve what we proposed to ourselves, we outlined as a general objective “Understanding what discussions indigenous peoples have about their own identity in social media”. The research has a qualitative approach and as a methodological procedure for data collection we use digital ethnography. The option for digital ethnography was mainly due to the current context of the new coronavirus pandemic. After collected, the data was organized for their analysis. We selected three channels and a documentary as an object of study, whose results show that the contents are aimed at denouncing prejudice against indigenous peoples.

Keywords: Indigenous peoples, misunderstandings; technologies.

Dos relatos de meu avô às minhas experiências: Origens e encontros com a pesquisa

Eu sou Darcilene Sampaio Gusmão, natural do Município de São Gabriel da Cachoeira – Am. Sou do povo Baré com o nome Potira na língua indígena Nhengatu e na língua Tukano sou Duhigó. Meus dois nomes se justificam porque os meus pais são de povos distintos, meu Pai é do povo Baré e a minha mãe do povo Tukano, porém minha prática de cultura, conhecimentos, crenças, costumes e tradições são todas advindas do povo Tukano porque eu tive mais convivência com meus avós maternos.

Essa convivência alimentou a minha identidade étnica. Minha avó materna pertence ao povo Tuyka e dela tenho poucas recordações, pois ela faleceu quando eu ainda era criança, na época eu devia ter uns 6 anos de idade. Do meu avô materno Tukano, tenho muitas recordações.

Lembro-me das experiências que vivenciei ao lado do meu avô Joaquim, natural de Pari Cachoeira – Rio Tiquié. Desde que me entendo por “gente”, jamais ouvi ele falar o português, sempre o ouvi falar a sua língua Tukano, porém isso nunca foi um obstáculo para a nossa comunicação. Meus tios(as) também falavam Tukano, então, convivendo nesse ambiente aprendi a compreender a língua, mas minhas tias e minha mãe só se comunicavam entre elas.

Comigo, com minha irmã e primos só falavam em português e nesse tempo eramos todas crianças, minha mãe relatou-me que isso se deu pelo motivo de que quando estive no internato, as freiras queriam que ela e outras internas aprendessem o português tanto na escrita, como também a fala. Minha mãe conta que no início ainda falava a sua língua, porém com o passar dos dias as freiras começaram a observar nos intervalos do recreio quem estava falando na sua língua e quem falava o português. Minha mãe ressalta que o processo de sua comunicação em português foi muito demorado, ela diz que sentia muitas dificuldades, mas, mesmo assim conseguiu.

Conta que, como modo de incentivá-las a desenvolverem a fala no português davam premiações, diz que os professores da maioria das disciplinas eram indígenas, porém nas salas de aula só ensinavam com o português e não com

a sua língua materna. Por essas circunstâncias a minha mãe se sentia receosa, juntamente com minhas tias de falarem a sua língua na minha presença e dos meus primos, com receio de que passássemos por essa intimidação na escola algum dia, então fazendo isso elas pensavam estarem nos “poupando” de sofrer preconceitos e discriminações. Por isso não desenvolvemos a fala na língua Tukano. No entanto, mais tarde, isso despertou-me muitas curiosidades em relação a língua.

A partir desse momento comecei a indagar, fazer perguntas para o meu avô, primeiro sobre o significado das palavras como objetos, animais, pequenas frases, etc., assim como eu compreendia a língua dele, ele também compreendia algumas palavras que eu falava em português. Nessa troca de saberes e conhecimentos meu avô costumava contar quase todos os dias histórias, mitos, lendas antigas que eu fui aprendendo e guardando na memória. Posso dizer eu tive uma educação indígena pautada na oralidade.

Ressalto também que o meu avô foi o que chamamos popularmente de “Benzedor”, um Kumû que tinha muitos conhecimentos medicinais indígenas. Na minha cidade quase todos o conheciam por esses conhecimentos, sendo que ele era muito requisitado, parentes de outros povos também o procuravam em busca dessas medicinas. Meu avô jamais cobrou por isso, mas levou consigo todos os seus conhecimentos e saberes no ano de 2008. Aos 92 anos de idade ele veio a falecer. Foi um homem que não aprendeu o português, se comunicava somente na sua língua e por ela expressava todo o conhecimento e saberes do seu povo.

Em 1999, no mês de outubro, eu, minha mãe e o seu esposo viemos para Manaus. Confesso que não conseguir me adaptar, primeiro pelo fato da minha mãe ter me obrigado a vir, ou seja, contra minha vontade e isso tudo fez com que eu não gostasse de nada aqui na Capital, pois o único lugar que ficávamos era em casa. No interior tudo era mais prazeroso, eu tinha minhas amigas, minha família próxima, aqui era como se estivesse privada da minha liberdade. Só ficava triste e cabisbaixa, sem vontade até de comer. Minha mãe vendo isso conversou com minhas tias contando a minha situação e retornei para o interior depois de dois meses. No ano de 2007 retornei para Manaus, porém, durante oito anos fiquei parada no tempo em relação aos estudos, visto que nesse período tive meu filho e me dediquei totalmente a ele.

No ano de 2015 decidir me inscrever para o vestibular da UEA, fiz a inscrição e concorri no Grupo 08 que é somente destinado aos indígenas, ou seja, adentrei para a Universidade por meio das cotas. No segundo semestre de 2016 iniciei o curso de Pedagogia na Escola Normal Superior. Confesso que senti medo, primeiro porque eu tinha ficado bastante tempo sem estudar e agora nessa trajetória acadêmica, já no primeiro período senti dificuldade.

Pensei até em desistir, mas no meio do curso, já comecei a me enxergar de outra maneira onde parece que “a ficha cai” e você percebe que está quase concluindo o curso. Passa um filme na cabeça e pensa: apesar desses desafios, dos percalços no caminho, estou aqui tentando ser forte, adquirindo e também compartilhando conhecimentos, pois a universidade é isso, troca de saberes tanto do professor como do aluno.

A Universidade ofereceu-me boas oportunidades e uma delas eu posso falar com muito orgulho foi de participar no ano de 2018 até o presente momento do Projeto de extensão “Tecendo Diálogos Interculturais”.¹ Por meio desse projeto pude conhecer outros acadêmicos indígenas assim como eu, de diferentes povos. Nesse projeto conseguimos realizar várias atividades, sempre abordando temas muito relevantes em sua proposta. Para mim, foi e está sendo muito válida essa experiência e que somou positivamente para o meu crescimento pessoal e também intelectual.

O projeto Tecendo Diálogos Interculturais tem como objetivo fomentar a discussão da presença e permanência dos indígenas na universidade, como também apoiá-los no seu percurso formativo, promovendo um diálogo intercultural na comunidade acadêmica. Assim quando fui desafiada a escrever o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) decidi que minha pesquisa seria voltada à questão indígena, pois não poderia deixar de analisar as questões que envolvem os povos indígenas, como abordarei mais adiante.

¹ São coordenadores dos Projetos: Célia Aparecida Bettiol ENS/UEA, Jeiviane Justiniano da Silva ENS/UEA; Luiz Davi Vieira Gonçalves ESAT/UEA; Wellington Douglas dos Santos Dias ESAT/UEA.

Sumário

Introdução.....	13
CAPÍTULO 1: Os povos indígenas na sociedade brasileira e o uso das tecnologias.....	18
1.1 Sobre o uso das tecnologias pelos povos indígenas.....	21
Capítulo 2: Os achados dos canais e documentário produzidos por indígenas	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	45

Introdução

Quando os portugueses chegaram aqui em 1.500 havia entre 3 a 4 milhões de indígenas de diferentes povos habitando de norte a sul do País. Mais de 510 anos depois os povos indígenas se resumem a cerca de 300 povos e ocupam terras que correspondem a pouco mais de 10% do território nacional e temos aproximadamente 274 línguas indígenas.² Até a década de 70 toda tradição era passada de pai para filho oralmente. A colonização e a integração forçada dos indígenas à sociedade envolvente levaram à dizimação de muitos povos e o apagamento de muitas culturas e línguas. A falta de um registro e a morte dos mais velhos levou à perda de muitos conhecimentos dos ancestrais.

Hoje os povos Yanomami, Ticuna, Xavante, Guarani, Tupinambá e tantos outros lutam para preservar seus costumes e valores e revitalizar sua história e, nesse sentido, as tecnologias estão sendo suas grandes aliadas, pois são os próprios indígenas quem tem que mostrar a sua cultura e hoje muitos fazem isso pelo uso da tecnologia.

Atualmente os computadores, câmeras, tvs, rádios, tablets, celulares, estão presentes na maioria das casas dos indígenas que vivem em contextos urbanos ou em aldeias que possuem sinal de internet, embora ainda existam pessoas que acreditam que os povos indígenas devem viver reclusos na mata, isolados da civilização e longe das tecnologias.

Estar incluído nas novas tecnologias, não altera em nenhum momento a identidade de nenhum povo, a identidade indígena continua viva e crescendo a cada dia. Identidade étnica não altera com a sua profissão, ou com seu meio de comunicação. A identidade indígena está nos traços natos, nos ideais, na natureza, está no dia a dia, está com cada um cidadão que faz parte dessa imensa família chamada indígena. (Alex Maurício – **ÍNDIO QUER SE CONECTAR E ENTRAR NA REDE**, Publicado em: 28/06/2012)

Como mencionamos, a tecnologia também chegou nas aldeias, possibilitando o uso de diversos equipamentos. Esse pensamento presente o imaginário de muitos não indígenas de que nós indígenas não podemos usar

² Informações retirados do site multirio.rj.gov.br/index.php/assista/tv/1432-os-povos-indigenas-e-a-tecnologia, vista em 07/07/2021)

telefone, computador está totalmente equivocado, pois nós indígenas acompanhamos a tecnologia e isso não nos faz perder nada da nossa cultura, ao contrário, estamos enriquecendo nosso patrimônio intercultural.

O telefone, a internet dentro das aldeias têm nos beneficiado, pois serve para que os povos existentes no Brasil, ou até mesmo no exterior se comuniquem, fazendo trocas de experiências, promovendo eventos, encontros indígenas e até mesmo reuniões online. O que nós indígenas precisamos é nos levantarmos para que possamos ver o nosso povo crescer, e através da tecnologia temos a possibilidade de buscar o melhor para nossas aldeias, sem perder a nossa cultura.

Precisamos ser respeitados como cidadãos brasileiros têm uma história de luta pelos nossos direitos. Essa luta é coletiva e a tecnologia é nossa aliada para que possamos conhecer a realidade de cada povo, nos articulando para que possamos fazer o nosso movimento. Deixando assim de sermos vistos como “bichos do mato”, e sim como o povo originário, o verdadeiro brasileiro e dono dessas terras.

O uso da internet não torna os indígenas menos indígenas, ela leva nossas vozes, as vozes de nossos povos a nível global, facilita a comunicação entre diversas aldeias e oportunizam fazer denúncias, bem como compartilhamento de nossas culturas.

Com o acesso à internet, os indígenas perceberam que poderiam gerar seus próprios conteúdos digitais, e com isso diversos sites indígenas foram criados por eles, para que pudessem compartilhar a sua cultura, arte, história, músicas, danças entre outros. Entendemos que o conhecimento deve ser compartilhado sempre e dessa forma poderemos nos aproximar, conhecer e compartilhar cada vez mais a história dos nossos povos, contadas por eles mesmos. Afinal a internet, quando bem utilizada, pode ser uma ferramenta muito poderosa de união e enriquecimento cultural.

Com essas ideias iniciais, retomo a escrita do meu TCC. Quando fiz o pré-projeto organizei minha pesquisa com o tema “O Uso da Tecnologia na Educação Escolar Indígena”. Esse interesse surgiu após uma experiência que eu tive em uma visita de campo realizada na Comunidade Parque das Tribos no Centro Wakemai,

localizada no bairro Tarumã, numa das atividades do Projeto de Extensão Diálogos Interculturais.

Foi a partir dessa visita que pude ver com outros olhos a necessidade que aquelas crianças têm em relação ao uso dessas tecnologias e ao conhecimento que elas também podiam adquirir e assim ter a oportunidade que eu estou tendo aqui na universidade, onde a tecnologia me auxilia nesse processo de aprendizagem.

Entretanto, no início do ano 2020 entramos em um novo cenário provocado pela COVID-19. Esta situação se prolongou e ainda estamos vivenciando a pandemia e seguindo os protocolos de segurança, como a não aglomeração e a suspensão das atividades escolares. Então, diante da realidade, tive que redimensionar o meu TCC sem, contudo, alterar a questão da tecnologia e povos indígenas.

Assim, o objeto de estudo deste trabalho é o uso da tecnologia pelos povos indígenas: uma etnografia digital em canais do youtube produzidos por jovens indígenas. A questão que norteou essa pesquisa é: Quais discussões os povos indígenas fazem a respeito de sua própria identidade nas mídias sociais? Para alcançar o que nos propomos traçamos como objetivo geral “Compreender quais discussões os povos indígenas fazem a respeito de sua própria identidade nas mídias sociais” e como específicos:

- Discutir a presença dos povos indígenas na sociedade;
- Mapear canais do youtube que tratam da temática e que sejam elaborados e com conteúdo produzido pelos próprios indígenas;
- Identificar os conteúdos expressos nestes canais;

A pesquisa ancora-se numa abordagem qualitativa., conforme a definição de Sandin Esteban (2010, p. 127),

A pesquisa qualitativa é uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos, à tomada de decisões e também ao descobrimento e desenvolvimento de um corpo organizado de conhecimentos.

Desta forma, ao utilizar a abordagem qualitativa não nos referimos somente aos procedimentos metodológicos, mas também aos fundamentos teórico-epistemológicos que os sustentam e orientam como um conjunto de práticas interpretativas e um espaço de discussão.

Como procedimento metodológico para o levantamento dos dados usamos a etnografia digital. Como já mencionado a opção pela etnografia digital se deu, principalmente, por entendemos que no atual contexto de pandemia do novo coronavírus, o distanciamento social é fundamental para resguardar a vida de todos nós. Nesse sentido, as tecnologias digitais e a internet são aliadas importantes no processo da pesquisa.

Conforme Leitão e Gomes (2017) apud Vargas; Souza (2020) existem importantes apontamentos sobre possíveis caminhos que pesquisadores podem adotar para analisar contextos online/digitais. Para elas, ao pensar a pesquisa etnográfica, é preciso considerar as plataformas digitais como ambientes, espaços análogos aos cenários urbanos, com ruas, edificações, transeuntes, variados fluxos e dinâmicas.

Nesta etnografia, buscamos no youtube, canais que tratassem de questões indígenas. Para refinar nossa busca utilizamos para a seleção o critério de que fossem totalmente produzidos por jovens indígenas. Ainda utilizei um critério subjetivo de que abordassem temas e questões relevantes com os quais me identifiquei, pois dialogam de uma forma que praticamente todos possam compreender como o indígena da atualidade continuam lutando pelos seus espaços e mantendo a sua auto afirmação a sua identidade indígena na era da tecnologia, e não aquele que a sociedade teima em dizer que somos e, de certa forma, querendo nos tornar invisíveis sem voz e sem vez.

Após coletados, os dados foram organizados para a análise dos mesmos. Selecionamos três canais e um documentário como objeto de estudo. Abaixo, trazemos um quadro com os canais e o documentário que analisamos neste trabalho.

Figura 1: Quadro com os objetos de estudo

Canal	Produtor(es)	Endereço eletrônico
Wariu	Cristian Wari'u Tseremey'wa	http://www.youtube.com/c/Wariu
ORÉ Diálogos Interculturais	Acadêmicos indígenas da UEA	http://www.youtube.com/channel/UCyhmRLrmOcJ5EKlwm-LuHaQ
Nuhé	Alice Pataxó Patrick Oderiê	https://www.youtube.com/chanel/UCOj3njl6HmwpgCEDUx9bNmA
Manaus, uma cidade na Aldeia (Documentário)	Instituto Moreira Salles – IMS Emerson Uýra	https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=3012726445496969&id=100002789288865&sfnsn=wiwspwa

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

CAPÍTULO 1: Os povos indígenas na sociedade brasileira e o uso das tecnologias.

Como já foi mencionado, esse capítulo vai discutir um pouco a presença dos povos indígenas no Brasil e o uso de tecnologias.

Somos mais de 300 povos, falamos mais de 270 línguas e somos quase 1 milhão de indígenas espalhados em todo território nacional. A sociedade enxerga os povos indígenas de uma maneira inferior, ser indígena na sociedade hoje, é como nós indígenas somos vistos de maneira não igual, até mesmo concepções que são vindas desde o período colonial, uma imagem deturpada do que realmente são os povos indígenas.

O pouco conhecimento generalizado sobre os povos indígenas está associado basicamente à imagem do índio que é tradicionalmente veiculada pela mídia: um índio genérico, com um biótipo formado por características correspondentes aos indivíduos de povos habitantes na Região Amazônica e no Xingu, com cabelos lisos, pinturas corporais e abundantes adereços de penas, nus, moradores das florestas, de culturas exóticas, etc. Ou também são chamados de “tribos” a partir da perspectiva etnocêntrica e evolucionista de uma suposta hierarquia de raças, onde os índios ocupariam obviamente o último degrau. Ou ainda imortalizados pela literatura romântica produzida no Século XIX, como nos livros de José de Alencar, onde são apresentados índios belos e ingênuos, ou valentes guerreiros e ameaçadores canibais, ou seja, bárbaros, bons selvagens ou heróis. (SILVA e GRUPIONI, 1995, p. 56).

Os autores Egon Heck, Francisco Loebens e Priscila D. Carvalho (2005) no texto sobre a Amazônia indígena, relatam que nessa região vivem cerca de 180 povos indígenas, somando uma população de aproximadamente 208 mil indivíduos, além de 357 comunidades. A perspectiva histórica desses povos foi interrompida de forma brusca e violenta pelo projeto colonial que, valendo-se da guerra, da escravidão, da ideologia e das doenças, provocou na Amazônia uma das maiores catástrofes demográficas da história da humanidade.

Passaram por um período difícil da colonização que levou a perdas culturais, houveram perdas linguísticas, inclusive como já foi mencionado na minha própria história. Bessa Freire (2002) alerta que ainda hoje há cinco equívocos sobre os povos indígenas.

Para ele:

É importante discutir essas ideias equivocadas sobre os índios, porque com elas não é possível entender o Brasil atual. Se nós não tivermos um conhecimento correto sobre a história indígena, sobre o que aconteceu na relação com os índios, não poderemos explicar o Brasil contemporâneo. Tentar

compreender as sociedades indígenas não é apenas procurar conhecer “o outro”, “o diferente”, mas implica conduzir as indagações e reflexões sobre a própria sociedade em que vivemos. (FREIRE, 2002, p.1-2)

O autor ainda argumenta que o resultado desses equívocos é a deformação da imagem do índio na escola, nos jornais, na televisão, enfim na sociedade brasileira. Ele ainda questiona porque nós não temos história indígena nos currículos. Lembramos aqui que somente em 2011 tivemos a aprovação da Lei 11645 que recomenda a inserção dos conteúdos referentes a história e culturas indígenas e africana nos currículos da Educação Básica como temas transversal e, prioritariamente, nas disciplinas de História, Artes e Literatura.

Diante disso penso que é de suma importância destacar essas cinco ideias relacionadas à questão indígena, que o próprio autor frisa que não são corretas, mas que continuam presentes no imaginário da maioria dos brasileiros.

a. Primeiro equívoco: o índio genérico

O que a maioria dos brasileiros pensam sobre os índios é a de que eles “são todos iguais”, com a mesma cultura, as mesmas crenças, a mesma língua ignorando que cada povo é distinto um do outro e nessa generalização está em apagamento das diferenças. Então, o índio deixa de ser Tukano, Dessana, etc. para se transformar simplesmente no “índio”. Nesse apagamento ficam silenciadas e invisibilizadas a língua, a religião, a arte, a ciência, a história de cada povo.

Só na Amazônia brasileira, em 1500, eram faladas mais de 700 línguas diferentes. No território que é hoje o Brasil, eram faladas mais de 1.300 línguas, então o grau de intercomunicação entre elas é variável.

b. O segundo equívoco: culturas atrasadas

A falsa superioridade da cultura hegemônica e eurocêntrica criou o equívoco de que os indígenas são povos primitivos com culturas atrasadas. O autor lembra que os povos indígenas produziram saberes, ciências, arte refinada, a exemplo das pinturas rupestres sobre os paredões de rocha que se espalham por todo país, a literatura, poesia, música, religião.

Por outro lado, argumentamos também que não existem culturas inferiores ou superiores, existem culturas diferentes. Para combater esse equívoco, o texto cita que o Museu Goeldi, em 1992, realizou uma exposição sobre a ciência dos Kayapó, mostrando a importância dos saberes indígenas para a humanidade.

O autor cita uma frase do antropólogo Darell Posey:

Se o conhecimento do índio for levado a sério pela ciência moderna e incorporado aos programas de pesquisa e desenvolvimento, os índios serão valorizados pelo que são: povos engenhosos, inteligentes e práticos, que sobreviveram com sucesso por milhares de anos na Amazônia. Essa posição cria uma “ponte ideológica” entre culturas, que poderia permitir a participação dos povos indígenas, com o respeito e a estima que merecem, na construção de um Brasil moderno. (FREIRE, 2002, p.9)

c. Terceiro equívoco: culturas congeladas

O autor continua relatando os equívocos sobre os povos indígenas salientando que na cabeça da maioria dos brasileiros, o “índio autêntico” é o índio nu ou de tanga, há no imaginário popular e do senso comum um estereótipo de indígena como o ser que habita as florestas, usa cocar e guerreia com o arco e fecha. A esse estereótipo ele chama “culturas congeladas” no sentido de que as pessoas acreditam que para um indígena ser indígena, ele precisa corresponder a este estereótipo que foi criado. Então se ele usa computador, celular ou frequenta a universidade, ou não é falante da língua própria, ele deixa de ser índio. O autor ressalta que as perdas culturais e linguísticas não foi escolha desses povos, simplesmente isso foi imposto a eles. Ressalta ainda que culturas são dinâmicas e podem mudar.

Não é ruim que mudem, o ruim é quando a mudança é imposta, sem deixar margem para escolha.

d. Quarto equívoco: os índios pertencem ao passado

Os portugueses, primeiro, e depois os brasileiros, durante cinco séculos acreditaram que os índios eram atrasados e que os portugueses e brasileiros representavam a civilização. Portanto, a obrigação do Estado era civiliza-los, ou seja, fazer com que eles deixassem de ser índios e passassem a ser como os colonizadores. Ocorreu um verdadeiro massacre durante esses 500 anos, com o extermínio de muitos povos. Os índios ficaram excluídos, como pertencentes a um passado incômodo e distante do Brasil.

Porém, essa situação foi mudada, os povos indígenas conseguiram que a Constituição Federal de 1988 assegurasse seus direitos históricos à terra e o reconhecimento de suas organizações sociais.

e. O quinto equívoco: o brasileiro não é índio

Por último, o quinto equívoco é o brasileiro não considerar a existência do índio na formação de sua identidade.

Ainda segundo o autor, as migrações de outros povos como os japoneses, os sírio-libaneses, os turcos, vieram diversificar e engrandecer ainda mais a nossa cultura. No entanto, como os europeus dominaram política e militarmente os demais povos, a tendência do brasileiro, hoje, é se identificar apenas como a da matriz europeia – ignorando as culturas africanas e indígenas. Isso reduz e empobrece o Brasil, porque acaba apresentando aquilo que é apenas uma parte, como se fosse o todo.

Durante muito tempo os povos indígenas foram discriminados e o período da colonização promoveu um verdadeiro etnocídio e epistemicídio entre os povos que habitaram estas terras antes da dita “descoberta”.

O tempo passou e o racismo estrutural presente na sociedade brasileira ainda questiona a presença desses povos na sociedade, é inconcebível para muitos pensar que o indígena pode morar na cidade, cursar faculdade, usar celular, ter um carro dentre outros.

Mas, isso vem sendo mudado de forma lenta por meio de protagonismo dos jovens indígenas que têm se projetado trazendo discussões sobre a identidade indígena.

1.1 Sobre o uso das tecnologias pelos povos indígenas

Hoje a maioria dos recursos tecnológicos é utilizada para auxiliar, estando presentes em todos os momentos dentro do ambiente educacional, desde a

utilização de microfones para palestras, elaboração da proposta curricular, até a certificação dos alunos, utilização de projetores, entre outros (KENSKI,2011).

A aprendizagem é um processo dinâmico e ao longo do tempo é reinterpretada. Na contemporaneidade sabe-se que o homem busca dinamizar a vida. A globalização impôs a informatização às sociedades. Na ocidental, em especial, a noção de tempo foi redimensionada, é preciso realizar o máximo de atividades num curto espaço de tempo, aprender e adaptar-se ao novo.

A Educação a Distância é conceituada por Patroni et all (2009) como uma modalidade de aprendizagem em que o aluno e o professor não ocupam o mesmo espaço geográfico, mas estão conectados por computadores interligados a internet.

Lazilla que estuda as TIC na EaD aponta que elas incluem:

[...] Os computadores pessoais, as câmeras de vídeo e foto para computador ou webcams, a gravação doméstica de DVD's, os diversos dispositivos para armazenar dados: disquetes, discos rígidos, pendrives, cartões de memória, zipdrives, as impressoras domésticas, celulares. Diversas plataformas: iPhone, Android etc. TV (aberta, a cabo, por

assinatura). Correio eletrônico e as listas de distribuição/discussão. Internet. Sites e portais. Streaming: transmissão contínua de áudio e vídeo via internet. Podcasting: transmissão sob demanda de áudio e vídeo através da internet. Ferramentas colaborativas. Fotografia, cinema, som, TV digitais. As tecnologias de acesso remoto incluindo wi-fi e Bluetooth. Blogs e fotoblogs. Comunidades virtuais[...]. (LAZILHA, 2011, p.15-16)

Diante de todas essas informações sobre a tecnologia venho mostrar como o indígena pode estar usando essa tecnologia a seu favor, sendo que a maioria já está utilizando, um dos exemplos são os vários ensinamentos da história. Toda a parte cultural era passada de geração em geração de uma forma oral e que apesar de ter resistido e nos sustentados até hoje, é um método um tanto que vem sendo somado ao registro dessas vozes.

Hoje podemos usar câmeras, celulares, computadores para fazer esses registros como as danças, cantos, músicas, rituais do próprio conhecimento indígena e também fazer registro dos anciãos, dos mais antigos de nossos povos.

A escrita também nos permite fazer esse registro na nossa própria língua para que ela não seja apagada como tantas outras que já foram, e vários outros exemplos, como o próprio estudo acadêmico em que vários indígenas misturam com a sabedoria e conhecimento do seu povo, o conhecimento ocidental para se trazer esses benefícios dentro da comunidade ou do povo em si.

Por isso, muitos indígenas estão usando a tecnologia seja em canais na plataforma do youtube ou em documentários para que assim prevaleça o fortalecimento das nossas raízes, da nossa identidade e também para nos afirmarmos como indígenas e, dessa forma, mostrar a nossa bandeira de lutas e resistência. Isso é nosso direito. No próximo capítulo apresentamos os nossos “achados” na pesquisa que fizemos nos canais do youtube.

Capítulo 2: Os achados dos canais e documentário produzidos por indígenas

Neste capítulo apresentamos os conteúdos dos canais e documentário que analisamos. Na etnografia digital observamos a data de criação do canal, quantas

produções foram postadas, a duração delas e o conteúdo abordado. Relatamos também o que nos chamou a atenção para selecioná-lo para a pesquisa.

- a. Canal sobre cultura indígena contemporânea Wariu Cristian (Xavante). Criado em 22 de agosto de 2013. Visto em 24 de maio de 2021.

<http://www.youtube.com/c/Wariu>

De início o que me chamou atenção foi a abordagem de temas e questões muito relevantes para a minha pesquisa. Identifiquei-me com ele pelo fato dele ser pertencente a duas etnias, assim como eu.

O Canal Wariu até o momento possui 28 vídeos que variam de 3:51 a 18:01 minutos cada, mas selecionei apenas 24 vídeos para compor a análise da pesquisa, como segue:

1.O que é ser indígena no século XXI (vídeo com duração de 10:21/ 10 de agosto de 2017)

Quem apresenta é o próprio YouTuber Cristian Wari'u TSEREMEY'WA, indígena Xavante com ascendência Guarani Nhandéwa. A dinâmica consiste em ir respondendo às perguntas, mostrando fotos com mulheres e homens indígenas e no final a imagem do jovem indígena Xavante passando pelo ritual marcante que é de furar a orelha.

Nesse tema ele relata sobre o que realmente define se uma pessoa é ou não indígena, fala do etnocídio (destruição da cultura de um povo) contra os povos indígenas pois, de acordo com ele, não podemos estar acomodados com a sociedade moderna.

2.As maiores dúvidas e mentiras que contam sobre os povos indígenas (vídeo com duração de 5:23/ 15 de Fevereiro de 2018).

O próprio YouTuber apresenta, mostrando trechos de vídeos da Semana Nacional de Mobilização Indígena 2015 com a participação de homens e mulheres indígenas. Fala um pouco sobre o estereótipo acerca dos Povos Indígenas existentes no Brasil, pois existem vários povos distintos uns dos outros, mas que de certa forma são generalizados e isso faz com que gere muitas dúvidas e mentiras, que são relatadas de modo equivocada.

3.A Universidade dos Indígenas (vídeo com duração de 5:06/ 28 de Março de 2018)

Cristian começa apresentando o vídeo relatando que em 2017 a Universidade de Brasília, por meio de um acordo de cooperação técnica com a FUNAI, divulgou o retorno do vestibular indígena depois de mais de três anos de reclusão. O YouTuber aparece em frente ao notebook fazendo essa narrativa, falando dos movimentos dos graduandos indígenas, mostra trechos de vídeos na universidade, conta que teve oportunidade de fazer o vestibular indígena UnB/ 2017, foca o vídeo numa MALOCA que ele diz ser o centro de convivência indígena dentro da UnB, uma grande conquista dos povos indígenas dentro da universidade.

4.A maior mobilização dos povos indígenas do Brasil (vídeo com duração de 5:02/ 30 de Abril de 2018)

O YouTuber mostra trechos de vídeos com homens e mulheres indígenas de diversos povos numa mobilização nas ruas de Brasília onde reuniram-se cerca de mais de 100 povos e aconteceu um dos momentos mais marcantes da Terra Livre que foi a Marcha até a Esplanada, e a tinta vermelha derramada no chão simbolizando o Genocídio (destruição de populações ou povos). O acampamento Terra Livre luta pelos direitos que foram assegurados pela Constituição de 1988. A demarcação de terras indígenas não é um favor é um direito indígena e dever do governo conosco.

5.A vida de um Xavante (vídeo com duração de 7:44/ 30 de Maio de 2018)

O YouTuber começa relatando sobre os indígenas, – fala que é um indígena Xavante com ascendência no Guarani Nhandéwa e que no nascimento, a responsabilidade total de cuidar do bebê é a da mãe. O povo Xavante possui um sistema Patriarcal.

6.O ritual de passagem Xavante (vídeo com duração de 8:19/ 31 de Maio de 2018)

O YouTuber começa contando sobre um dos rituais mais importantes do seu povo e mostra a imagem de um adulto indígena Xavante com o brinco e também trechos de vídeos com alguns jovens participando desse ritual.

Fala sobre as características marcantes do povo Xavante, corte de cabelo padrão, acompanhado de uma gravata e por último, o brinco Xavante, o qual é uma das características mais notáveis desse povo e que carrega consigo uma grande simbologia. Há vários grupos onde os meninos ficam separados para essa passagem de jovem para adulto com duração de cinco anos. São eles: ANARÓWA, TSADA'RO, AI'RERE, HÖTÖRÃ, TIRÓWA, ETEPÁ, ABARE'U, NODZÖ'U.

7. Afinal existe salário indígena? (vídeo com duração de 6:10/ 25 de Julho de 2018)

O YouTuber apresenta o vídeo na aldeia no Município de Brasnorte, um território habitado pelo povo Manoki. Ele conta que estava lá por conta de um evento e mostra trechos de vídeos com alguns dos indígenas que entrevistou e cada qual falou sobre se recebem ou não esse “salário”. Ainda existem pessoas que acreditam que indígenas recebem algum tipo de “salário” apenas por ser indígena.

8. Povos indígenas do Brasil. (vídeo com duração de 6:18/ 23 de Agosto de 2018)

O YouTuber começa falando das lutas, resistências, diversidades, riqueza cultural, fala dos equívocos que se difundiram na sociedade e são tratados como absoluta verdade, diferente do que muitas pessoas pensam “índio” não seria a palavra correta para se referir aos “indígenas” ou povos nativos originários.

Somos mais de 300 povos, falamos mais de 270 línguas e somos quase 1 milhão de indígenas espalhados em todo território nacional.

9. Como mantemos nossa cultura? Com Alínor Aiakade Bekairi (vídeo de 7:14/ 05 de Setembro de 2018)

O YouTuber começa apresentando o vídeo e diz que está na aldeia Pacuera, Município de Paranatinga, no Mato Grosso, na terra indígena Bakairi. Apresenta o líder Bakairí, mostra trechos de vídeos dele juntamente com seu povo em uma roda de dança, Cristian começa entrevistando-o. Para alguns povos isso vem de uma linhagem, responsabilidade de uma pessoa, Alínor Aiakade é responsável pela

transmissão às novas gerações em sua comunidade para não deixar que a cultura, língua e cantos morram. Dessa forma desempenha função vital para o seu povo.

10.Fortalecendo a cultura tradicional e contemporânea dos jovens indígenas (vídeo com duração de 8:25/ 08 de Novembro de 2018)

Cristian começa apresentando imagens onde foram realizadas Oficinas de Fortalecimento Cultural e um Seminário de Jovens Indígenas com a participação dos povos Manoki. Cristian diz que viajou bastante e mostra trechos de vídeos na estrada, nos rios em um barco, em rodas de conversas, seminários, em contexto midiático, com outros jovens indígenas. Mostra imagens de mulheres na confecção de redes, pinturas corporais, momentos de contações de histórias e ao final uma mostra de tudo que foi produzido nessa oficina.

Nesse mesmo vídeo a indigenista Catiúscia fala sobre a OPAN (Operação Amazônia Nativa) que está trabalhando com o fortalecimento cultural no I Seminário de Jovens Indígenas. Ela conta que o processo teve início no ano de 2016 com o Projeto ERERI cuidando dos territórios. Diz que iniciou o projeto visando o empoderamento de jovens indígenas e buscando levar conhecimentos sobre os direitos indígenas, a política indigenista, o processo de vigilância e monitoramento territorial. O objetivo desse projeto era trabalhar junto as bases, junto as escolas e as comunidades esse conhecimento que muitas vezes está restrito apenas a algumas lideranças. Durante três anos tiveram várias oficinas, participação dos jovens em vários encontros, congressos e em 2018, nesse evento, estavam fazendo um fechamento dessa etapa de formação.

11.Pinturas indígenas e seus significados (vídeo com duração de 5:53/ 24 de novembro de 2018)

O YouTuber começa falando das pinturas corporais, símbolos e marcas que estão presentes em todos os povos indígenas do Brasil, mostra figuras dos dois símbolos Xavante e dos dois de seus clãs, coloca trechos de vídeos com indígenas do povo Xavante e Kayapó, já com pinturas corporais, peças artesanais e outros com símbolos do povo Juruna e Bakairi.

As pinturas tem o papel importantíssimo dentro da cultura indígena, não só por carregar a identidade de cada um dos 300 povos, mas por trazer outros significados que muitas vezes não são abordados.

12. Notícias indígenas (vídeo com duração de 3:51/ 22 de março de 2019)

O YouTuber relata essas notícias num formato diferente e com cenário de fundo com alguns artesanatos. A primeira notícia mostra a imagem de um líder histórico Aritana do Xingú, que diz rejeitar a dita integração dos povos indígenas ao agronegócio proposta pelo Governo. “Não precisamos plantar soja. Temos a nossa roça, mandioca, milho, pesca, caça. O governo tem que respeitar o nosso modo de vida.”

A segunda notícia é a da Deputada Joenia Wapichana, 1ª mulher a ser eleita depois de 30 anos do 1º Deputado eleito, Mário Juruna, também fala da ATL 2019 (Acampamento terra livre) e sobre o 1º Encontro Nacional de Mulheres Indígenas.

13. Manifestações fim da SESAI? E a revitalização de línguas indígenas (vídeo com duração de 5:45/ 30 de Março de 2019)

Cristian dá continuidade nas notícias e ainda fala das mudanças realizadas pelo governo que aparentemente visam tirar pouco a pouco os direitos que os povos indígenas arduamente conquistaram nos últimos anos e manifestações contrárias a esses retrocessos. A primeira é a questão da FUNAI que abandona postos e coordenações em áreas indígenas, logo após mostra a imagem de um indígena caído no chão, relata que essa época foi muito triste para a história indígena, pois nessa época mais de 8 mil indígenas foram mortos. O dia 31 de março de 1964 marca o golpe que deu início a ditadura militar. Ano de 2019 (imagem de adultos e jovens indígenas) mostra projetos e técnicas da revitalização das línguas indígenas com o Brasil, parcerias com indígenas estrangeiros para a manutenção da língua indígena brasileira. Fala ainda sobre a Municipalização da Saúde Indígena que é um GENOCÍDIO DECLARADO e sobre a Mobilização Nacional prevista do dia 27/03 onde lideranças de todas as regiões do País e a APIB se reuniram com o Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta para discutir o fim da SESAI.

14. Jovens indígenas em foco BATE-PAPO com Eusiane Kapwetalu feat. Arara (vídeo com duração de 12:25/ 11 de Abril de 2019)

O YouTuber apresenta na forma de entrevista a jovem indígena - Eusiane Kapwetalu de 22 anos, estudante de licenciatura em Matemática que se apresenta como pertencente ao povo Nambikwara/Monoki na companhia de uma ave, a arara. Relata que no momento está dando aula na aldeia (Três Jakú, terra indígena Tirecatinga) e que também é secretária de uma associação de mulheres indígenas que visa desenvolver o etnoturismo em suas terras, além de trazer rendas as famílias.

15. A tecnologia como ferramenta de luta dos Povos Indígenas (vídeo com duração de 7:04/ 10 e Julho de 2019)

O YouTuber inicia o vídeo mostrando em forma de um pequeno esquema, com palavras chaves que ligam ao tema central ANALISANDO 100% / resultado: NÃO É INDÍGENA. Tudo porque a pessoa usa instrumentos que fazem parte do mundo não indígena, porém ele explica de uma forma compreensível como o indígena pode usar a tecnologia a seu favor, muitos acreditam que a utilização da tecnologia por indígenas tira a nossa cultura, porém é justamente o contrário, vários indígenas estão utilizando a tecnologia a seu favor. Um dos exemplos é que vários ensinamentos da história, toda a parte cultural que era passada de geração em geração de uma forma oral e que, apesar de ter resistido e nos sustentado até hoje, é um método que pode ser acrescido de outros, então podemos usar câmeras, celulares, computadores para fazer esses registros como de danças, cantos, músicas, rituais do próprio conhecimento indígena e também fazer registro dos anciãos dos mais antigos de nossos povos. Muitos já se foram e os que restaram são a nossa própria história viva e também existe a escrita que nos permite fazer esse registro na nossa própria língua para que ela não seja apagada como tantas outras que já se foram.

Temos vários outros exemplos, como o próprio estudo acadêmico em que vários indígenas misturam a sabedoria do povo, o conhecimento tradicional do povo com o conhecimento ocidental para trazer benefícios para a comunidade ou o povo em si. Por isso, muitos indígenas estão usando sim, a tecnologia como

fortalecimento das nossas raízes, dos nossos conhecimentos e pensamentos da nossa cultura.

16.Existem escritores indígenas? BATE-PAPO com Márcia Wayna Kambeba (vídeo com duração de 10:26/ 16 de Julho de 2019).

Cristian mostra uma entrevista bem descontraída com Márcia Wayna Kambeba. A entrevista aconteceu no 3º CONGRESSO INTERNACIONAL POVOS INDÍGENAS DA AMÉRICA LATINA – UnB Brasília-Brasil. Ela se apresenta como pertencente ao povo Kambeba, do Amazonas e conta que faz um trabalho utilizando a Arte que aprendeu na cidade como forma de resistência para afirmação e legitimação da sua identidade indígena. É escritora renomada dos povos indígenas, cantora, compositora, poeta, fotógrafa, palestrante, atriz e também liderança indígena do Amazonas. Conta também que foi ao Programa de TV da Fátima Bernardes para falar da Literatura indígena na resistência da mulher indígena como uma forma de fortalecer o protagonismo da mulher.

17.Primeira marcha de mulheres indígenas (vídeo com duração de 5:24/ 18 de Agosto de 2019)

Inicia-se com o vídeo de mulheres indígenas fazendo as pinturas faciais, dois jovens não indígenas também aparecem, fazendo o registro com a câmera fotográfica, em seguida outras mulheres indígenas da Aldeia Cinta Vermelha, Jundira Vale do Jequitinhonha – MG, segurando a faixa da 1ª MARCHA NACIONAL DE MULHERES INDÍGENAS com a frase: TERRITÓRIO; NOSSO CORPO, NOSSO ESPÍRITO. A jovem indígena WATATAKALU YAWALAPITI diz que chegaram em Brasília como mulheres indígenas do Brasil, não como povos separados e nem com divisões e diz que não foi fácil chegar até ali. Ressalta que isso ensina que elas podem, que elas conseguem, pois isso só mostra o quanto a mulher indígena tem força, nas ruas já na marcha todas ecoam o grito: ACORDA BRASIL, ACORDA BRASÍLIA. Outra jovem indígena, ELÔNIA BORORO, fala do Genocídio, das desapropriações das terras, da língua, da cultura e fechando a fala, DAIARA TUKANO relata que dentro da sociedade precisa-se ouvir mais a voz das avós, das Matriarcas que reúnem seus filhos, netos e diz que se sente muito inspirada com todo esse acontecimento. A marcha foi realizada nos dias 10 e 14 de agosto, com a

participação de quase todos os povos indígenas do Brasil, deixando explícita a indignação de suas comunidades com o governo atual.

18.Tatuar grafismos indígenas, é homenagem? BATE-PAPO com Benício Pitaguary (vídeo com duração de 14:43/ 07 de Setembro de 2019)

Cristian entrevista o jovem indígena Benício Pitaguary. Ele começa se apresentando, fala que é pertencente ao povo Pitaguary, que é comunicador e faz parte da Mídia Índia (A Voz dos Povos), é estudante de Geografia na Universidade Federal, é Terapeuta Holístico e artista plástico em pinturas corporais indígenas . Fala um pouco da pintura corporal, qual o significado que isso tem, que para o seu povo é um ritual de cura, mas também de proteção e envolve vários aspectos complexos. No decorrer da entrevista aparecem trechos de vídeos do Benício fazendo pintura em uma jovem indígena. Ele conta que também faz pintura de outros povos, mas sempre destacando a referência da pintura de cada povo.

No seu ponto de vista ele diz que tatuar não é uma forma de homenagear, pois envolve vários significados e muitas vezes quem não conhece esses significados pode, por exemplo, carregar para sempre um símbolo que pode representar, digamos luto para aquele povo. É por isso que cada povo usa símbolos distintos e também usam, na maioria das vezes como tinta o jenipapo que tem durabilidade de até quinze dias.

19.Respondendo perguntas do Instagram (vídeo com duração de 10:10/ 06 de Dezembro de 2019)

Cristian inicia o vídeo dizendo que selecionou cinco perguntas do Instagram para responder no youtube e a primeira pergunta é: Qual a melhor coisa de ser um indígena? Ele diz que é de se sentir pertencente a algo, sentir que você pertence a um povo, que você tem uma cultura muito vasta. A segunda pergunta, Como surgiu a ideia do canal? Ele responde que surgiu desde que cursava o ensino médio e a professora o incentivou. No final de 2017 surgiu a oportunidade através do Ministério da Cultura (extinto) com um edital de apoio a alguns canais no youtube com o intuito cultural. A terceira pergunta, Qual é o seu maior sonho? Ele responde que é conseguir, por meio do seu trabalho, ter cada vez mais formas de mostrar a cultura dos povos indígenas para as pessoas, e o quanto ela é importante.

A quarta pergunta, Quais são os desafios de um jovem indígena na sociedade? Responde que é o preconceito, o estereótipo e que eles afetam grandemente as pessoas, os indígenas que saem de suas comunidades e vão para cidade seja para estudar, trabalhar. Fala também que as pessoas as vezes não tem uma noção básica de como tratar os povos indígenas. Quinta e ultima pergunta, Como se informar com qualidade sobre as questões dos povos indígenas brasileiros? Cristian responde que a internet hoje possibilita muita coisa em relação a disseminação de informação, porém tem informação incorreta sendo disseminada em relação aos povos indígenas, isso é de fato triste. Tem vários canais, não necessariamente no youtube, que são canais indígenas e estão tentando trazer a verdade, tentando falar dos povos indígenas da maneira correta, sob a perspectiva do olhar indígena, destaca a Mídia Índia em um podcast que ele gerencia juntamente com seu parceiro Helder Araújo, que é do povo Kambeba.

20.Assistindo minha participação na TV (vídeo com duração de 17:36/ 12 de Dezembro de 2019)

Cristian começa o vídeo falando que vai reagir a uma participação que teve a exatamente um ano no programa de televisão da Rede Globo, Encontro com Fátima Bernardes e também diz que fez um vídeo posterior na Globo Play, uma participação na Série Aruanas. Mostra trechos de vídeos com sua participação no programa, pausa para comentar que o programa era ao vivo e que logo na sua entrada já errou o lado para entrar. Relata que por ser a primeira vez em um programa, estava nervoso, não sabia como agir, tanto que quando a apresentadora faz a primeira pergunta ele demora um pouco para responder, ele mesmo diz que travou, nesse momento no programa mostra trechos de vídeos do povo Xavante com toda a sua caracterização de pinturas corporais e adereços. Um outro vídeo que ele apresenta também faz parte dessa entrevista é o Papinho Cabeça, onde a repórter leva-o a uma escola com crianças de 8 a 12 anos de idade em São Paulo, elas fazem perguntas para ele, como: Você já foi discriminado por ser indígena?, Na sua tribo existe algum tipo de Prefeito ou Governador? Como funcionam os rituais e para quê? Ou só é para manter a tradição? Ou simboliza algo? Na aldeia as mulheres podem ir para escola?

21.Fantasia de índio em 2020 (vídeo com duração de 9:24/ 16 de Fevereiro de 2020)

Cristian inicia o vídeo já falando da questão da fantasia de índio e que a representação do índio no Brasil sempre seguiu alguns padrões e questiona o significado disso. Ele dá um exemplo da seguinte pergunta: Como você imagina um índio? A resposta muita vezes segue o modelo de cabelo preto e liso, olhos puxados, pele morena ou avermelhada, o rosto pintado, seminus com uma tanguinha tampando a genitália ou até mesmo sem roupa alguma. Durante a época de carnaval, o fenômeno da fantasia de índio se intensifica e o que se encontra nas ruas do Brasil são várias pessoas que, na maioria das vezes, estão seminus, gritando e levando a mão à boca, fazendo gestos tentando imitar o grito indígena, utilizando “mim” na conjugação de verbos, como “mim ser índio”, desprestigiando o português indígena. No caso das mulheres fantasiadas de índias há uma hiper sensualização, usando os adereços como fetiches. Isso infelizmente não se limita somente as ruas, mas o que se observa nas redes sociais é uma grande massa de mulheres com representações de maquiagens e pinturas sagradas como forma de sensualização. A Fantasia de Índio nada mais é que você propagar o preconceito em torno dos indígenas e impedir qualquer tipo de protagonismo, estimulando ainda mais o imaginário do índio ridicularizado, isso está muito longe de ser uma homenagem.

22.As falas racistas dos Ministros em relação aos índios/Povos indígenas (vídeo com duração de 18:01/ 23 de Maio de 2020)

Cristian começa o vídeo dizendo que irá falar um pouco sobre as recentes notícias e acontecimentos que envolvem os povos indígenas. A fala do Ministro da Educação, do Meio Ambiente e da Ministra da Família e dos Direitos Humanos são falas muito problemáticas e discriminatórias em relação aos povos indígenas, ciganos, quilombolas, pois de acordo com a visão do Ministro da Educação, ele diz que odeia o termo “povos indígenas” somos todos povo brasileiro, e isso traz uma problemática, um não reconhecimento das diferenças, um silenciamento de suas vozes e conhecimentos, um apagamento das nossas histórias, da nossa cultura, e conseqüentemente essa narrativa de que somos todos povo brasileiro, traz na ideia

da igualdade, a volta da perspectiva assimilatória e integracionista, ignorando as diferenças.

**23.Como foi ser o único indígena na escola?
(vídeo com duração de 10:18/ 18 de Outubro de 2020)**

Cristian inicia o vídeo falando do tempo da escola, diz que foi um tempo muito complicado porque ele sempre foi o único aluno indígena de toda escola, então ele contextualiza, começando a falar do povo dele que é do Mato Grosso, povo Xavante, apesar de ter uma mistura com o povo Guarani. Conta que segue exclusivamente o povo Xavante, porque isso é uma regra dentro do povo Xavante, independente da mistura que o Xavante é, a nova geração vem, independente dessa mistura, ele é Xavante principalmente se vindo do pai é Xavante, então logo ele é Xavante e segue só essas tradições, mas isso também não impede de saber muito sobre a cultura da sua mãe que é do povo Guarani nhandewá.

Cristian conta que seus pais sempre tiveram muito apreço pelos estudos e que ele juntamente com seus irmãos prosseguissem os estudos e que um dia, através dos estudos dessem o retorno para as suas comunidades. Então eles sempre estudaram nas escolas que não eram escolas dentro do território indígena, até porque o período que eles estudaram não tinha tanto isso, hoje em dia já tem bem mais escolas dentro do território indígena.

Ele ressalta que sempre estudou em escola de não indígenas e acontecia, na maioria das vezes, ele ser sempre o único aluno dessa escola, o único estudante indígena e sempre foi muito perceptível das outras pessoas inclusive dos professores e alunos, quanto os professores mostravam o quanto eles estavam despreparados para receber um aluno indígena, a começar no ensino fundamental nas primeiras séries.

Ele conta que sempre teve um entendimento muito grande sobre os povos indígenas, também pelo fato de seu pai ser uma liderança indígena, na escola ele já percebia certas nuances nos outros alunos e professores do quanto eles estavam despreparados para receber um aluno indígena, um exemplo que ele coloca é : o povo dele é conhecido e estereotipado como um povo muito agressivo e muito tribal e que por isso, muitas pessoas tinham receio de se aproximar dele, apenas pelo fato

dele ser indígena, mas conforme o tempo foi passando houve até uma aproximação também, ele foi entendendo porque eles tinham esse medo, pois acreditavam no que “seus pais” contavam para eles que o indígena seria um canibal, agressivo e que por ele ser indígena não seguia as mesmas leis ou regras e que por isso, ele poderia até matá-los.

Fala também do “dia do índio” que é uma data muito estereotipada, uma verdadeira violência para os povos indígenas, pois na escola esse dia comemorava-se com o rosto pintado de tinta guache e um cocar de papel, com música da apresentadora Xuxa; também frisa sobre o livro de história que muitas vezes contava sobre o índio na colonização de forma equivocada e para finalizar ele diz que foi um período que ele não gosta muito de recordar, mas que se fez necessário, pois é importante contar como foi experienciar ser sempre o único aluno indígena.

24. Concepção do “índio incapaz” na sociedade (vídeo com duração de 12:22/ 25 de Outubro de 2020)

Cristian começa falando como foi perceber a forma como a sociedade enxerga os povos indígenas de uma maneira inferior e como ele próprio sentiu isso na pele durante o período da escola. Como nós indígenas somos vistos com as concepções que são vindas desde o período colonial, uma imagem deturpada do que realmente são os povos indígenas, seja na escola, no bairro, nas cidades, eles tem o entendimento de que não somos capazes de fazer muitas coisas.

Muitos ainda nos enxergam como pessoas inferiores, tanto que, ele conta que se desempenhasse alguma coisa básica no ensino escolar ou até mesmo no esporte, as pessoas ficavam muito abismadas e pensando “como um indígena pode fazer isso?” Às vezes ter um certo destaque na escola, sendo melhor aluno, causa estranheza nas pessoas, ou se falar bem o português também há um estranhamento. Ele salienta que indígenas não tem sotaque, pois a língua portuguesa, muitas vezes, não é a primeira língua do indígena, a primeira língua de muitos povos é a língua indígena e, por isso, alguns tem essa dificuldade com o português, como qualquer falante tem dificuldade em uma segunda língua. Ele recorda o Cacique Aritana que faleceu por conta do Covid, e que sabia muitas línguas indígenas. No vídeo ele ainda mostra a imagem de um recorte da

reportagem com o tema: MORTE DE ANCIÃOS INDÍGENAS NA PANDEMIA PODE FAZER LINGUAS INTEIRAS DESAPARECEREM.

b. Canal ORÉ Diálogos Interculturais

<http://www.youtube.com/channel/UCyhmRLrmOcJ5EKlwm-LuHaQ> (Visto em 24 de Maio de 2021)

O Canal conta no momento com 5 vídeos e foi criado em 29 de Novembro de 2019.

1.Doc. 1 – Povos Tradicionais na Universidade

(vídeo com duração de 5:41/ 04 de Dezembro de 2019)

O vídeo é uma apresentação dos acadêmicos indígenas que falam sobre as cotas indígenas e as ações afirmativas na universidade. Os estudantes narram as dificuldades sociais, educacionais e econômicas no seu percurso acadêmico e abordam a importância da presença indígena na universidade.

Falam sobre a importância da autoafirmação, e sobre as suas produções de artigos científicos e apresentações em congressos e outros espaços, vão rompendo barreiras com a participação dos acadêmicos indígenas da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) / Escola Normal Superior (ENS). Participam do vídeo, Manuela do povo Baré, do curso de Geografia, Deise, também do povo Baré, do curso de Pedagogia, Samela do povo Sataré Mawé do curso de Ciências Biológicas, Estélio do povo Munduruku, do curso de Geografia, Francisco Maricaua do povo Kokama do curso de Pedagogia e Mayara do povo Sataré Mawé,, do curso de Ciências Biológicas.

*

2.Estudantes Indígenas em tempos de Pandemia, Benisson, Povo Tukano (vídeo com duração de 1:06/ 18 de Junho de 2020)

O vídeo inicia com o depoimento do acadêmico Benisson, do povo Tukano, acadêmico indígena do curso de Pedagogia, conta que teve que se adaptar a nova realidade, se isolando, tentando se cuidar e sobreviver a essa Pandemia por causa do Coronavírus. Uma coisa nova para a gente já que nós, povos indígenas, vivemos todos unidos e nesse momento, tivemos que manter esse distanciamento para evitar

a contaminação da doença e também não transmitir para as outras pessoas, em especial, aos idosos e crianças.

3.Live Mulheres Indígenas na Ciência

(vídeo com duração de 50:44/ 02 de Julho de 2020)

A primeira live que teve como objetivo trazer para perto uma realidade vivida, ou seja, contar um pouco da experiência na universidade através da visão da acadêmica indígena Mayara do povo Sateré Mawé, do curso de Ciências Biológicas. O vídeo inicia com a apresentação da acadêmica Diana Farias, do curso de Letras (não-indígena), mediadora da live, em seguida a vez da apresentação da “palestrante” Mayara, que dá ênfase ao seu nome indígena ,Waikiru, que na língua Sateré Mawé significa estrela. Ela diz que o povo Sateré Mawé é um dos povos que ainda preserva a sua língua materna, tanto que quando as crianças nascem, geralmente elas tem um nome na língua indígena. Mayara fala do seu projeto de pesquisa sobre a questão de Gênero e Gênero nas políticas públicas.

Faz um levantamento de dados de iniciação científica para verificar ,dentro da universidade no contexto de Manaus, quantas mulheres indígenas já se formaram, quantas passaram pelo processo de iniciação científica e Projetos de Extensão.

A importância do trabalho que ela faz é mostrar que dentro de uma política de Gênero o objetivo é ouvir a voz da mulher que se forma e por meio da sua formação, da sua graduação, pós-graduação, ela tem uma voz diferenciada e de luta. De um modo geral o trabalho da Mayara é trazer essa voz feminina no mundo da Ciência. Investiga como é que elas se formam, qual é o cominho, qual a trajetória de vida delas, e ela mesmo se insere nesse contexto como acadêmica de Ciências Biológicas. Ao final, a mediadora Daiana seleciona algumas perguntas para a Mayara responder.

O vídeo teve também a participação da Professora Jeiviane Justiniano que deu um suporte enquanto havia caído a conexão logo no início da live e fez alguns apontamentos muito importantes sobre o Projeto que a Mayara realiza.

4. 2 Anos dos Projetos de Extensão Tecendo Diálogos Interculturais e L2 para acadêmicos indígenas, ENS/ ESAT - UEA (vídeo com duração de 3:49/ 01 de Dezembro de 2020)

Vídeo comemorativo de 2 anos de atividades realizados desde o ano de 2018 a 2020 dos projetos. A abertura começa com trechos de vídeos da roda de dança, o Marakanandê, após imagens de alguns dos eventos que participamos, através do Projeto Diálogos Interculturais e L2, mostra também trechos de vídeos da recepção dos calouros indígenas, visita de campo ao Parque das Tribos.

5. Manifesto por Ana Beatriz

(vídeo com duração de 4:36/ 28 de Dezembro de 2020)

Vídeos de manifesto feito por acadêmicos indígenas, não indígenas e professores em prol de justiça por Ana Beatriz, uma criança do povo Sateré-Mawé, violentada em seu território. O caso não ganhou repercussão e até agora está em silêncio, tanto pelas mídias, como também pela justiça.

c. Canal Nuhé (Alice Pataxó)

<https://www.youtube.com/chanel/UCOj3njl6HmwpgCEDUx9bNmA>

Visto em 26 de Maio de 2021

O Canal foi criado em 27 de Abril de 2020, contém 8 vídeos que variam de 1:01 a 59:38 cada, contando a verdadeira história do Brasil, dando voz aos povos indígenas, os verdadeiros heróis e donos dessa terra. Selecionei apenas 6 vídeos para minha pesquisa.

1. Apresentação do Canal (vídeo com duração de 1:01/ 15 de Maio de 2020)

Alice, começa a apresentação do vídeo e explica sobre o nome Nuhé, é uma palavra indígena do seu povo que significa, força, coragem, resistência e ressalta que não há palavra melhor a ser usada quando se trata dos povos indígenas que resistiram durante 520 anos para continuar vivos até hoje com a sua cultura e é sobre isso que o canal vai falar sobre o indígena de hoje. Não com aquela imagem de 1500 anos, mas sim entender o indígena na sociedade contemporânea. Ela salienta que deseja que o canal seja um espaço onde não só

ela possa ter visibilidade, mas outros parentes possam se sentir a vontade para falar e participar.

2.História Pataxó (vídeo com duração de 4:14/ 28 de Maio de 2020)

Alice inicia o vídeo falando um pouco sobre o Povo Pataxó e em seguida duas histórias que marcam muito esse povo, a criação Pataxó e o fogo de 51, duas histórias bem diferentes, mas com grandes reflexões sobre quem somos. O mito de criação do povo Pataxó – TXÔPAY e as primeiras gotas de chuva que caem na terra, Cauim ou Jaroba (mandioca) bebida. Os pataxós vivem em Minas Gerais e na Bahia. No ano 1951 a aldeia mãe/ aldeia Barra Velho sofreu massacre, muitos indígenas morreram e outros fugiram mata adentro. Hoje possuem sua terra demarcada, mas correm risco com o governo atual.

3.Não procurem em mim Iracema! (vídeo com duração de 3:27/ 03 de Junho de 2020)

Nesse vídeo Alice diz que é bem pessoal, por conta de alguns ataques que sofreu, ataques preconceituosos por causa da sua cor de pele e por ser deslegitimada como indígena. Sabemos que os preconceitos ainda persistem contra os povos indígenas. Infelizmente, não é a primeira vez que acontece, nem na internet e nem na vida. Mas falar disso abertamente é romper preconceitos, é encorajar outros parentes a denunciar e não abaixar a cabeça diante dessa situação. Pois, ser indígena não está no rosto, não está na pele, no cabelo, ser indígena é pertencimento, é sangue, é luta.

*

4.Povos Indígenas e a Pandemia Covid 19 (vídeo com duração de 3:12/ 02 de Julho de 2020)

Alice, inicia o vídeo falando especificamente sobre a Pandemia que tem atingido muitos povos indígenas no Brasil, a tristeza e o luto invade as aldeias e o descaso do governo reforça mais uma vez o genocídio dos nossos povos.

5. Literatura Indígena – Daniel Munduruku (vídeo com duração de 59:37/ 05 de Julho)

Nesse vídeo , Alice tem como convidado Daniel Munduruku, escritor e professor indígena, formado em Filosofia, licenciado em História e Psicologia, Daniel fala sobre sua literatura, sobre os seus livros, sobre os povos indígenas, Alice começa perguntando sobre como ele vê essa mudança no cenário da literatura indígena. Daniel diz que o seu primeiro livro foi lançado em 1996. Fala da sua trajetória , que não foi uma construção muito fácil, teve que romper muitos estereótipos, muitas ideias equivocadas que a sociedade brasileira foi desenvolvendo ao longo do tempo. Diz que a formação universitária foi muito importante para ele, porque permitiu que ele entrasse nos espaços que ele jamais chegaria sem a formação acadêmica.

Destacou os livros “Meu avó Apolinário” falando da influência que seu avó teve na sua vida e o livro “Caxi” que questiona dois pensamentos, o circular que é o que o indígena pensa e o quadrado que é o que o não-indígena pensa (dançamos em círculos, as aldeias são construídas em forma de círculo, por isso o pensamento é circular, não tem começo e nem fim) já o pensamento quadrado tem um limite. Daniel ainda diz que esse ano ainda estará lançando outro livro que chama “Crônicas Indígenas para Rir e Refletir na Escola”. Finalizando a conversa, ele usa como inspiração o conselho que seu avó falava quando ele ainda era criança que é a seguinte: “ Nós temos que ser igual ao rio, porque o rio sempre vai procurar uma saída, seja qual for a alternativa, mesmo quando tudo parecer que está acabado e perdido. O rio que desiste de correr é o rio que apodrece, portanto precisamos ser água corrente, sem esquecer que nós fazemos parte de um todo” . Não desistir das lutas e termos sempre orgulho de ser quem somos, essa é a mensagem que Daniel Munduruku deixa para que a literatura seja construída ao seu estilo e com sua maneira de perceber o mundo, seja sempre você mesmo.

6.Entrevista com Jaider Esbell (vídeo com duração de 29:14/ 01 de Dezembro de 2020)

Alice entrevista Jaider Esbell, artista, escritor, pesquisador, curador e ativista do povo Macuxi. Esbell conta que o seu trabalho está ligado à ancestralidade, à cosmovisão com o território e especialmente ao tempo presente, nos conta também

sobre sua mais nova exposição de arte na 34ª Bienal de São Paulo, onde ele aborda várias questões.

d.Documentário (Emerson Uýra)

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=3012726445496969&id=100002789288865&sfnsn=wiwspwa Visto em 24 de Maio de 2021

O Documentário tem duração de 18:53 e foi publicado em 23 de Dezembro de 2020.

Reflete que como todo o Brasil, Manaus foi construída sobre Território Indígena. Neste videoperformance, aparições de Uýra em locais e monumentos de Manaus, trazem a superfície uma história pouco contada, inundado por trechos e consequências da violenta ocupação colonial da Amazônia central. Emerge também, a partir da Mata que conta, a resistência dos povos indígenas que permanecem habitando, de múltiplas e adaptadas formas, as cidades brasileiras construídas sobre as aldeias. A performance em 4 atos, como destacados a seguir:

Manaus, uma cidade na aldeia

Ato 1

“ PRA MEMÓRIA GUARDAR “ “NASCEU DE COSTAS”

O documentário tem início em um rio com o personagem de costas, em seguida em frente a um museu e logo após sentado em uma praça. Fala da construção da Manaus Moderna e que 133 anos depois a cidade descobriu o que cobriu, gente originária, nossas culturas e conhecimentos. A fala se remete às descobertas dos vestígios indígenas no Paço e em outros locais da cidade.

Ato 2

“VOVÓ PRESENTE” “CADÊ VOVÓ?” ESTRANHA VOVÓ

Andando nas ruas do centro de Manaus, sentado em frente ao Terminal de ônibus da Matriz ele lança a pergunta “Tu é índio?”, “mas tu é índio mesmo ?” “Tu é índio de verdade?” remetendo-se aos indígenas que habitam na cidade e não são reconhecidos na sua identidade indígena. Aí questiona: Quem diria que os próprios seus iam estranhar a vovó mata? Já diziam os meus (indígenas), que um dia nos

citariam como lendas, nos ensinam que ficamos no séc. XVI, que índio não existe mais! O governo, enterraram muitos parentes nossos como não-indígenas, numa alusão sobre as mortes durante a pandemia onde muitos indígenas foram enterrados sem seu reconhecimento étnico.

Ato 3

“O GLOBO SE PERDEU”

Essa fala é feita em frente á escultura do homem que segurava o globo terrestre e que de tanto remanejada, perdeu o globo que carregava nas mãos. Em 1964, com o golpe militar, ignorava-se o apagamento cultural e o globo se perdeu com tantos remanejos da escultura. A fala faz alusão às perdas de conhecimentos, culturas e línguas na terra, onde o colonizador dominava tudo.

Ato 4

“RECOMEÇOU A CHEIA” “ O RIO VOLTA A ENCHER”

O vídeo finaliza com o personagem sentado em frente ao porto e ao seu redor vários barcos. Ele fala que a Amazônia primitiva segue andando, se transformando, se apropriando, retomando. As águas trazem nas águas reais, passos de liberdade, somente em Manaus existem mais de 45 povos indígenas de diversas origens, identificados ou não. E finaliza: PRA ONDE A GENTE FOR, A GENTE VAI SER INDÍGENA.

Assisti inúmeras vezes a cada um dos vídeos aqui apresentados. Depois que fizemos a síntese dos mesmos na escrita, a leitura exaustiva nos levou as reflexões sobre o texto de Bessa Freire (2002) . Os povos indígenas, no caso deste trabalho, os jovens produtores destes canais, ainda lutam contra os equívocos apresentados pelo autor. O equívoco da cultura congelada ainda é muito presente no imaginário da população brasileira.

O último documentário apresentado nos remete à discussão de que brasileiro não é índio sob a falsa ideia de igualdade que, na verdade, é um apagamento das culturas e um silenciamento das vozes desses povos.

Assim, retomando minha própria história, percebo que minha mãe, ao me afastar da minha língua materna falada por ela, preocupava-se em me poupar dos preconceitos da sociedade que nos enxerga de forma tão equivocada.

Então, ao reler uma última vez o conteúdo dos canais, podemos afirmar que o uso das tecnologias pelos povos indígenas não tira nossa cultura, ao contrário, é uma ferramenta para podermos nos fazer ouvir e sermos reconhecidos em nossa identidade na sociedade hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de suma importância destacar que não existe uma única cultura indígena, mas uma vasta diversidade cultural representada por civilizações autônomas, com modos de pensar e agir peculiares.

Quando eu assisti a todos os canais, para fazer um breve comentário deles, o que eu pude perceber desse estudo foi que os indígenas ao tratarem dos seus conhecimentos falam principalmente das suas lutas, das diversidades culturais, falam dos equívocos que se fundiram na sociedade e são tratados como absoluta verdade, e isso foi o que levou a maioria a pensar erroneamente que todos os povos possuem uma mesma cultura, ou seja, todos iguais.

Ao falarem de sua cultura, de sua identidade, eles tratam a luta como um ato de resistência, pois resistiram durante 520 anos para continuar vivos até hoje com a sua cultura.

Então, os conteúdos desses canais falam sobre o indígena de hoje, da contemporaneidade, não aquela imagem de 1500 anos atrás. Os canais, de certa forma, foram criados com o intuito de dar visibilidade aos jovens indígenas e através desses espaços das plataformas digitais, ter a oportunidade de trazer também outros parentes, para que juntos trouxessem essa rede de conhecimentos e saberes, a exemplo do uso, no caso do computador e o celular são utilizados como armas de defesa para preservar e fortalecer elementos de sua cultura.

A tecnologia, nesse sentido está sendo muito bem utilizada por eles, porque só reforçou mais ainda como os povos indígenas continuam nessa busca dos seus direitos, através de luta, resistência e na autoafirmação da sua identidade, não se limitando mais a oralidade.

Com o auxílio das ferramentas da tecnologia surgiu uma nova visão de que todos os seus conhecimentos e saberes poderiam de alguma forma ir se expandindo, por conta dos vídeos, registros em geral feitos e produzidos por esses jovens indígenas, através dos seus compartilhamentos nas mídias sociais.

As tecnologias podem ser usadas para reproduzir, recuperar, preservar, organizar, trocar, compartilhar e difundir os conhecimentos indígenas, e inclusive

gerar um novo conhecimento. As comunidades indígenas estão percebendo que potencialmente há benefícios quanto a utilização de tecnologias digitais para a documentação e preservação de sua história e cultura. (KOPMAN;SLEDGE,2003).

REFERÊNCIAS

FREIRE, José Ribamar Bessa. *Cinco ideias equivocadas sobre os índios*. Palestra proferida em 2002. Disponível://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/cinco_ideias_equivocadas_jose_ribamar.pdf. Acesso em 10/07/2021

SANDÍN ESTEBAN, M. P. *Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições*. Tradução: Miguel Cabrera. Porto alegre: AMGH, 2010.

VARGAS, Júlia Batista; SOUZA, Érica Renata de. Gênero, ciência e etnografia digital: aproximações e potencialidades. *Cadernos de Campo*. (São Paulo, online). Vol. 29, n.2.p.1-23. USP. 2020

HECK, Egon; LOEBENS; Francisco e CARVALHO, Priscila D. *Amazônia indígena: conquistas e desafios*. Dossiê Amazônia Brasileira I • Estud. av. 19 (53) • Abr 2005

<http://www.youtube.com/c/Wariu>. Acesso em 24/05/2021

<http://www.youtube.com/channel/UCyhmlRmOcJ5EKlwm-LuHaQ>. Acesso em 24/05/2021

<https://www.youtube.com/chanel/UCOj3njl6HmwpgCEDUx9bNmA>. Acesso em 26/05/2021

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=3012726445496969&id=100002789288865&sfnsn=wiwspwa. Acesso em 24/05/2021